

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPLORANDO O CORPO E O MOVIMENTO

Nivalda Pereira Coelho; Beatriz Cotrim da Silva; Ana Carla da Rocha Farias

Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: nyvia.uneb@outlook.com

Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: biah.cotrim@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: ana-cfarias@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo configura-se como um relato de experiência advindo de uma intervenção no estágio supervisionado em turmas da Educação Infantil na cidade de Guanambi-Ba, onde procurou-se trabalhar o corpo e o movimento das crianças aproveitando suas capacidades e a idade que se faz favorável para o trabalho com habilidades naturais do ser humano. As experiências de estágio, seja no âmbito curricular ou não, permitem vincular aspectos teóricos e práticos, possibilitando a junção entre teoria e prática a fim de chegar a um bom resultado e um bom percurso para a atuação profissional. Através desta proposta, objetiva-se relatar a importância de trabalhar os esquemas corporais e de movimentos com as crianças durante a fase inicial das suas vidas. O desenvolvimento do processo de intervenção foi realizado em etapas que partiram desde o contato com a instituição a qual se pretendia atuar até a sua efetivação. Após este momento foi realizado o reconhecimento da realidade encontrada atentando-se para as observações diagnosticadas. Daí iniciou-se o processo de utilização das estratégias cabíveis às determinadas situações. Em seguida partiu-se de fato para a concretização da intervenção, que foi a última etapa do processo. O ensino da educação física para crianças se faz importante quando a proposta das temáticas e conteúdos partem de seus conhecimentos básicos, ou seja, de habilidades como correr, saltar, pular, equilibrar. Conhecer seu corpo, seus movimentos e seu espaço de forma lúdica é essencial, pois nesta fase as crianças se encontram com energia suficiente para desenvolver todas as atividades propostas. Por assim ser, as aulas de educação física torna-se um meio de proporcioná-los a melhor maneira de se aprender.

Palavras chave: Educação Física; Educação Infantil; Corpo; Movimento.

INTRODUÇÃO

A lei de diretrizes e Bases da educação Nacional define no Art. 29 que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (ALVES, 2014, p.34). É nesse cenário que buscou-se estudar a educação física e os esquemas corporais relacionada a educação infantil.

Por meio deste, destaca-se a importância de se trabalhar os esquemas corporais e de movimentos com as crianças durante a fase inicial das suas vidas. O trabalho dessas temáticas na Educação Infantil é relevante, pois, segundo Rossi (2012), quando a criança apresenta algum problema nos elementos básicos da psicomotricidade, como esquema corporal, lateralidade, orientação temporal, entre outros, estas poderão apresentar problemas também na escrita, na leitura, na análise gramatical, dentre outras.

Segundo Ferraz e Flores (2004), para a Educação Infantil é mais viável utilizar movimentos relacionados às partes do corpo e respiração e ainda as capacidades e possibilidades de cada aluno como correr, saltar, arremessar, receber, entre outras. É a partir daí que as crianças começam a se perceber no espaço, descobrindo formas de se movimentar e criar movimentos.

O ensino da educação física para crianças como parte importante para o desenvolvimento físico, motor e social precisa estar alinhado a um espaço adequado para ministrar as atividades. Porém, a falta deste espaço não deve ser empecilho para a ausência das aulas como afirma Trindade *et al* (2010):

O espaço adequado é importante sim, mas a sua ausência não deverá afetar o desenvolvimento da criança. A Psicomotricidade deve ser trabalhada independente do local, pois o ato de imitar, correr, criar movimentos, são de extremo valor, contemplados com a prática da Educação Física (TRINDADE *et al*, 2010, s/p).

Segundo Uchôga (2008), quando se pensa corpo e movimento na educação infantil considera-se que este é o meio pelo qual as crianças reconhecem e se relacionam com o ambiente em que vivem. Desta forma, a execução de movimentos pelas crianças é de suma importância principalmente em sala de aula.

O corpo pode ser caracterizado como o mediador de linguagens e trocas de experiências entre a criança e o meio em que ela vive (GUIRRA E PRODÓCIMO, 2010).

METODOLOGIA

O presente estudo aqui descrito configura-se como um relato de experiência durante o estágio supervisionado realizado com alunos da Educação Infantil e uma turma de ensino fundamental I, tendo certas características comuns, pois a turma do 1º ano do fundamental apresenta pouca diferença de idade e suas necessidades se mostram similares aos alunos do infantil. Portanto, no decorrer do texto, será usado o termo Educação Infantil para se reportar às turmas onde ocorreram as experiências transcritas.

Para a realização tanto da intervenção, quanto deste artigo, foi utilizado a observação participante que Martins (1996, p.270) defende por “[...] estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca.”

Para Minayo (2010) a observação participante se concretiza na aproximação do pesquisador com o seu campo de estudo, estabelecendo um contato direto com o contexto o qual se pretende pesquisar.

O estágio aconteceu numa escola pública da cidade de Guanambi-Ba e para que houvesse a intervenção foi necessário, primeiramente, pedir autorização à coordenação da mesma e posteriormente conversar com as professoras e conciliar os horários de aula da escola com os horários disponíveis das estagiárias. Ajustado os horários com as turmas do 4º período infantil, 5º período infantil e 1º ano fundamental I, foram observadas as turmas por algumas horas e feito o reconhecimento de como eram realizados os trabalhos fazendo algumas considerações.

Após isso, iniciamos o nosso trabalho através do planejamento do plano de ensino de acordo com o grupo e as necessidades diagnosticadas. O plano teve como tema Corpo e o Movimento, com proposta de trabalhar o reconhecimento das partes do corpo, as noções de espaço, o equilíbrio dinâmico e estático e as capacidades motoras, enquanto conteúdo das aulas. Em seguida, deu-se início às aulas em sala propriamente ditas.

Para que os conteúdos fossem trabalhados de forma prazerosa, optou-se por levar brincadeiras lúdicas utilizando materiais de fácil acesso, sendo um ou dois para cada aula adequando as habilidades naturais como o correr, o saltar, o pular a fim de estimular o desenvolvimento dessas habilidades e tornar a aula divertida praticando todos juntos para que houvesse o mínimo de dispersão. Cada aula foi desenvolvida através do seu plano específico, levando em consideração as individualidades de cada turma sem interferir no conteúdo.

O uso da quadra coberta da escola foi um dos instrumentos mais utilizados durante as aulas, pois permitia dar espaço e maior liberdade aos alunos durante as atividades sugeridas. Além disso, utilizou-se também de bolas, cordas, arcos, giz de cera, giz de quadro e papel metro.

A cada aula ministrada era feita a socialização dos resultados encontrados com o intuito de perceber o que havia dado certo e o que havia dado errado, a fim de buscar estratégias para melhorar o desempenho das aulas seguintes. Em determinados momentos houve também socializações junto aos alunos para identificar as reflexões acerca das aulas e também com o corpo docente da escola para buscar melhores resultados durante o processo de intervenção. Através destas socializações foi possível identificar o contexto social dos alunos e os problemas enfrentados pelos professores na escola.

Utilizou-se da avaliação formativa, que segundo Villas Boas (2006) leva em consideração o processo de aprendizado como um todo, atentando-se para as individualidades de cada aluno. Por se tratar de um público formado por crianças da Educação infantil e por não serem alfabetizadas a forma escrita seria impossível para se avaliar, sendo assim, utilizou-se de métodos como o desenho e a observação. Nesse sentido, a avaliação processual possibilitou identificar nos alunos a vontade ou não de participar das aulas e seus interesses no decorrer delas.

REALIDADE ENCONTRADA E OBSERVAÇÕES DIAGNOSTICADAS

No primeiro momento de contato com as turmas alguns alunos se mostravam assustados com a presença de professores de educação física em sala. Contudo, depois de algum tempo o susto deu lugar a uma recepção calorosa cheia de energia.

Notou-se o quanto as crianças da Educação Infantil necessitam de uma base de conhecimento das suas habilidades motoras e do esquema corporal, que se justifica na observação de Ferraz e Flores (2004), que é importante utilizar movimentos relacionados às partes do corpo na Educação Infantil. A partir daí, essas temáticas se tornaram alvo de estudos para que pudessem ser abordadas no período de intervenção.

No decorrer das aulas foram elaborados planos com os assuntos já apresentados acima. Nesta fase os alunos já estavam acostumados com nossa presença e conseqüentemente, já realizavam todas as atividades propostas por nós.

Após elaboração do plano de aula com os conteúdos propostos, deu-se início com o reconhecimento do corpo, através de desenhos, por considerar ser um método atrativo para as crianças e seria a base para outras atividades que envolveriam os movimentos corporais. Para essa atividade utilizou-se lápis coloridos para realizar os desenhos. Para cada membro do corpo era utilizada uma cor específica, auxiliando também na distinção de cores. A atividade foi importante na medida em que percebemos que poderia ser explorado na aula seguinte e desta vez com movimentos. A aula seguinte foi montada para que os alunos desenhassem uns aos outros deitados sobre um papel metro a fim de fazerem o reconhecimento não só do seu corpo, mas também do seu colega. Com essa atividade foi possível refletir acerca da anterior com as partes do corpo, permitindo ainda, explorar os espaços externos e internos e suas habilidades como o correr, o andar e o saltar utilizando músicas para a descontração e uma maior animação das crianças. Uchôga (2008) e Ferreira Neto

(2001) partem do mesmo princípio ao afirmar que reconhecem o corpo e o movimento na educação infantil como o meio de reconhecimento das crianças com o ambiente em que vivem. A fase pelo qual se deve aprimorar e afinar suas habilidades motoras.

Foi perceptível a facilidade dos alunos em realizar as atividades propostas no conteúdo sobre partes do corpo, porém, ao realizar as atividades sobre noções de espaço e habilidades motoras básicas, que foi o segundo conteúdo, sentiram bastante dificuldade e ficaram muito perdidos e confusos. Vale ressaltar que isso é comum em alunos da Educação Infantil, pois como já foi mencionado eles ainda se encontram em fase de formação tanto das habilidades motoras quanto espaciais. Ferreira Neto (2001) e a Lei de diretrizes e bases da educação nacional apresentada por Alves (2014) consideram a educação infantil como uma aliada importante no desenvolvimento da criança, pois é nos primeiros seis anos de idade que conhecem e desenvolvem suas habilidades motoras.

Outra percepção durante as atividades é que as crianças se familiarizam com o material da aula, todos queriam pegar e brincar com o objeto do seu jeito. Por assim ser, em algumas aulas havia dificuldade quanto ao uso do material nas aulas, pois todos queriam o uso individual e estes eram poucos e tinham que ser usados em grupos. Entretanto, vale ressaltar que a partir destas dificuldades foi possível abrir discussões acerca da socialização dos materiais e do seu uso coletivo.

Os alunos considerados pela escola como sendo os mais traquinos eram os que se faziam mais presentes nas aulas de educação física e que se mostravam mais empolgados. Realizavam todas as atividades propostas e se prontificavam até mesmo para auxiliar em alguns casos.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

Para que houvesse a participação efetiva de todos os alunos nas aulas utilizou-se, na maioria das vezes da quadra poliesportiva da escola, local em que se sentiam mais livres e dispostos a realizar as atividades propostas, porém, obtendo êxito também na sala de aula. A questão da quadra era um estímulo a mais para as crianças que em sua maioria necessitavam de espaço para que a atividade não ficasse reduzida ou restrita, fato indicado por Trindade et al (2010), quando afirmam que o espaço para atividades com crianças é importante.

Outra estratégia empregada foi a utilização de histórias fictícias durante a contextualização das atividades desenvolvidas. A maioria dos

alunos se interagiam e adentravam realmente no mundo da imaginação. Nessas ocasiões pode-se perceber que é possível transmitir o aprendizado para a Educação Infantil associando-o a jogos e brincadeiras lúdicas e no campo imaginário. Para Siqueira, Wiggers e Souza (2012), os momentos de ludicidade proporcionam interação entre as pessoas e uma maior facilidade de expressão corporal, sendo a escola um dos locais apropriados para as crianças aproveitarem os momentos lúdicos.

A atividade proposta com histórias fictícias pôde ser realizada com materiais que ganharam nomes diferentes e funções distintas, mas que auxiliaram nas noções de espaços e no comportamento da motricidade, como a coordenação, o equilíbrio e o esquema corporal, defendido por Papst e Marques (2010) como proporções atingíveis por meio da experiência motora.

Utilizou-se também dos jogos e brincadeiras para estimular a psicomotricidade das crianças. Para Bruhns (1993), “A origem dos jogos não pode ser desvinculada da cultura de um povo ou dos fatores históricos que propiciaram seu aparecimento”. Para isso, houve o resgate de algumas brincadeiras que fizeram parte da cultura dos alunos. Como jogos e brincadeiras são atividades lúdicas que outorgam prazer e agrado em sua execução, são conteúdos fundamentais para o processo educativo, já que eles passam a ser incorporados às nossas experiências junto com as sensações e emoções de agrado e prazer.

Nestas atividades houve a participação e o prazer de todos os alunos durante a realização das aulas. Chegavam até mesmo a resistirem ao finalizar as aulas.

EXPERIÊNCIA CONCRETIZADA

Na medida em que as aulas foram se norteando, a relação com os alunos se tornaram mais concretas e o diálogo professor-aluno mais consistente. A cada intervenção poderia ser notado a vontade das turmas em continuar as atividades propostas. Sempre no início das aulas surgiam questionamentos acerca da aula anterior, para que pudesse analisar o que haviam absorvidos da aula anterior e das atividades já realizadas.

No decorrer desse processo questões animadoras foram surgindo, o que influenciou de forma considerável nas práticas pedagógicas seguintes. Como exemplo dessas questões pode-se considerar a prática das atividades propostas em aula sendo realizadas no período do intervalo. Por serem muito agitadas, as crianças faziam do momento fora da sala de aula uma verdadeira algazarra e correria no pátio da escola. Corriam,

saltavam e se movimentavam dando cambalhotas ou brigando. Porém, após as práticas nas aulas de educação física através dos conteúdos propostos pelo plano de ensino que foi elaborado, notou-se que as crianças faziam uso no intervalo das atividades desenvolvidas em sala de aula de forma organizada e participativa, diminuindo assim os conflitos que antes eram vistos.

As experiências da escola são levadas para fora dela e se faz do corpo um instrumento de linguagens em que há uma troca de experiências entre a criança e o meio em que se encontra inserida (GUIRRA E PRODÓCIMO, 2010). Desta forma a educação do corpo é contínua, a escola deve cumprir o seu papel e as crianças aproveitam o que foi aprendido para além da escola e continuam suas manifestações com o corpo em casa e nos demais ambientes em que inserem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências de estágio, seja curricular ou não, permitem vincular aspectos teóricos e práticos. É o momento que teoria e prática se mesclam a fim de chegar a um bom resultado e uma boa experiência para a atuação profissional.

Ao final do período de intervenção, por mais que o tempo tenha sido mínimo para se ter grandes resultados ele foi notório. A participação e o desempenho dos alunos nas atividades propostas demonstraram vontade em aprender e praticar o que lhe era ensinado, se transformando em incentivo para uma contínua atuação na área da educação infantil.

Portanto, torna-se perceptível que os pressupostos e os objetivos da intervenção foram alcançados, permitindo aos alunos um maior reconhecimento do seu esquema corporal. Permitiram-lhes também o contato com diversos movimentos que poderão ser úteis em suas vidas na melhoria das habilidades motoras. Por fim, ajudou na percepção do espaço onde estão inseridos, se comunicando com o ambiente através de seus movimentos corporais que é uma forma de linguagem.

Independente da formação do professor que está a frente dessas turmas, os conteúdos que envolvem o reconhecimento corporal, noções de tempo e espaço, jogos e brincadeiras, e as práticas de habilidades motoras não podem ser deixados de lado. Os esquemas corporais e de movimentos envolvem não só o corpo físico, dicotomizado, e sim o corpo como um todo, onde as habilidades psicomotoras influenciarão muitas ações relacionadas ao processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. R. M. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Consolidação. **Instituto de Pesquisas e Administração da Educação**. 2014 – 4ª edição.
- BRHUNS, Heloísa. *CORPO PARCEIRO E CORPO ADVERSÁRIO*. Campinas – SP: Papyrus, 1993.
- FERREIRA NETO, C. A. **Motricidade e jogo na infância**. Rio de Janeiro, RJ. Sprint, 3ª ed. 2001.
- FERRAZ, O.L.; FLORES, K.Z. Influência de um programa na aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos conceituais e procedimentais. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n. 1, p.47-60, jan./mar. 2004.
- GUIRRA, F. J. S; PRODÓCIMO, E. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo? **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.708-713, jul./set. 2010.
- MARTINS, J.B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. **Semina: Ci. Sociais/Humanas**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PAPST, J. M; MARQUES, I. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Rev. Bras. Cineantropom.** Desempenho Hum. 2010, 12(1):36-42.
- ROSSI, F. S. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012. Disponível em:
<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf>
- SIQUEIRA, I. B; WIGGERS, I. D; SOUZA, V. P. O brincar na escola: A relação entre o lúdico e a mídia no universo Infantil. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 313-326, abr./jun. 2012
- UCHÔGA, L. A. R; PRODÓCIMO, E. Corpo e movimento na educação infantil. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.3, p.222-232, jul./set. 2008.